



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA**  
**PRÓ-REITORIA DE ENSINO**  
**DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR**  
**COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**CAMPUS SOUSA**

CLEICIONE MARTINS DE SOUSA

**ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO  
SOUSA ESPORTE CLUBE**

SOUSA/PB

2025

CLEICIONE MARTINS DE SOUSA

**ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO  
SOUSA ESPORTE CLUBE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, em formato de artigo científico, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa.

Orientador(a): Prof.<sup>a</sup> Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa

SOUSA/PB

2025

## FICHA CATALOGRÁFICA

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Milena Beatriz Lira Dias da Silva – Bibliotecária CRB 15/964

Sousa, Cleicione Martins de.

S725a                  Análise de experiências racistas com atletas profissionais do Sousa  
Esporte Clube / Cleicione Martins de Sousa, 2025.

47 p. : il.

Orientadora Profa. Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa.  
TCC (Licenciatura em Educação Física) - IFPB, 2025.

1.Futebol. 2. Experiências. 3. Sousa Esporte Clube. I.Título. II.  
Barbosa, Rebecca Ruhama Gomes.

IFPB Sousa / BC

CDU 796:37

## **CERTIFICADO DE APROVAÇÃO**

**Título: “ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO SOUSA ESPORTE CLUBE”.**

Autor(a): CLEICIONE MARTINS DE SOUSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado pela Comissão Examinadora em: **02 / 10 / 2025**.

Documento assinado digitalmente  
 REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA  
Data: 23/11/2025 21:57:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa**

UERN - Professor(a) Orientador(a)

Documento assinado digitalmente  
 GIULYANNE MARIA SILVA SOUTO  
Data: 24/11/2025 15:18:42-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Giulyanne Maria Silva Souto**

IFPB/Campus Sousa - Examinador 1

Documento assinado digitalmente  
 THIAGO MATEUS BATISTA PINTO  
Data: 24/11/2025 10:46:04-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Prof. Esp. Thiago Mateus Batista Pinto**

EEEFM Izidra Pacífico de Araujo - Examinador 2

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho, primeiramente, a Deus, pela vida, pelas oportunidades e pela força que me sustentou em cada etapa desta caminhada.

À Nossa Senhora Aparecida, por sua intercessão e proteção maternal que me acompanhou durante toda esta jornada.

À minha mãe e à minha avó, mulheres incríveis que sempre foram meu maior exemplo de amor, força, dedicação e carinho. Ambas me ensinaram valores que levarei para toda a vida: a importância da humildade, da perseverança e do respeito. Cada gesto de cuidado, cada palavra de incentivo e cada oração de vocês me deram ânimo para nunca desistir, mesmo nos momentos mais difíceis.

Ao meu irmão e à minha irmã, pelo companheirismo e apoio constante, que me motivaram a seguir em frente e acreditar em mim.

E à minha namorada, pela paciência, compreensão, incentivo e por estar ao meu lado em todos os desafios, celebrando cada pequena conquista comigo.

A cada um de vocês, ofereço esta vitória, pois sei que ela também é parte de vocês. Sem o amor, o apoio e a presença de cada um, nada disso seria possível.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, por ter me concedido vida, saúde e sabedoria para trilhar este caminho acadêmico. Por cada bênção recebida e por ter me dado força e determinação para perseverar diante de todos os desafios enfrentados durante esta jornada. À Nossa Senhora Aparecida, por sua intercessão e proteção maternal, que me acompanhou em cada etapa desta caminhada acadêmica.

À minha mãe, Ana Cleide Martins de Sousa, e à minha avó, Maria de Fátima Ferreira Martins, mulheres extraordinárias que sempre foram meu alicerce e minha maior fonte de inspiração. Agradeço por cada ensinamento sobre amor, força, dedicação e carinho que moldaram meu caráter. Por me transmitirem valores preciosos como humildade, perseverança e respeito, que carregarei para sempre. Cada cuidado demonstrado, cada palavra de estímulo e cada oração feita por vocês me proporcionaram coragem para jamais desistir, especialmente nos momentos de maior dificuldade. Vocês foram meu refúgio seguro, sempre dispostas a me receber com carinho e sabedoria. Através de seus sacrifícios silenciosos e amor sem limites, compreendi o verdadeiro valor da determinação e da fé. Cada lição, cada história compartilhada e cada instante ao lado de vocês contribuíram para formar quem sou hoje, e por isso minha gratidão é infinita.

Ao meu irmão, Salviano Martins de Sousa, pessoa pela qual tenho profunda admiração, especialmente por sua coragem e perseverança. Agradeço o companheirismo incondicional e por ser um modelo de determinação que me motiva constantemente a me tornar uma pessoa melhor.

À minha irmã, Maria Thereza Martins Alexandre, que mesmo em sua juventude me apresentou ao amor mais autêntico e sincero. Sua existência em minha vida me proporcionou ainda maior determinação para lutar, não somente por meus objetivos pessoais, mas também pensando em seu futuro, consciente de que cada vitória minha pode abrir portas para as oportunidades que ela encontrará em sua trajetória.

Ao meu tio, Francisco Antônio Martins, referência masculina essencial em meu desenvolvimento pessoal. Agradeço por ter me demonstrado, através de seu próprio exemplo de vida e por meio de seus conselhos repletos de sabedoria, a real importância dos estudos. Suas orientações e atitudes me fizeram valorizar o conhecimento como instrumento fundamental de transformação e evolução pessoal.

À minha namorada, Ágatha Luelma Gomes de Sousa, que me ofereceu força e se tornou meu porto seguro durante o período mais difícil e desafiador de minha existência. Agradeço pela paciência demonstrada, pela compreensão nos momentos difíceis, pelo incentivo constante e por sempre me convencer de que eu seria capaz, mesmo quando eu próprio duvidava de minhas habilidades. Por permanecer ao meu lado em todas as adversidades, compartilhando e celebrando comigo cada pequena conquista alcançada.

À minha orientadora, Prof. Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa, pela fundamental importância na realização deste trabalho. Agradeço a dedicação, paciência e competência com que me orientou durante toda esta jornada acadêmica. Suas contribuições, correções e direcionamentos foram essenciais para o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa. Obrigado por acreditar no meu potencial e por me guiar com sabedoria e profissionalismo.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, por ter me proporcionado uma formação acadêmica de qualidade e por oferecer as condições necessárias para meu desenvolvimento profissional e pessoal. Agradeço por ser uma instituição que preza pela excelência no ensino e que abriu as portas para a realização dos meus sonhos.

Ao corpo docente do curso de Educação Física do IFPB, por todo o conhecimento compartilhado, pelas experiências transmitidas e pela formação sólida que me proporcionaram. Cada disciplina, cada aula e cada ensinamento contribuíram para minha formação profissional e para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos meus colegas de turma, companheiros desta jornada acadêmica, pela amizade construída, pelo apoio mútuo nos momentos de dificuldade e pela troca de experiências que enriqueceram minha formação. Juntos vivenciamos desafios, conquistas e aprendizados que levaremos para toda a vida.

Agradece-se ao Sousa Esporte Clube e ao seu presidente, Aldeone Abrantes, pela disponibilização do clube para a realização desta pesquisa. Expressa-se também gratidão a todos os atletas que participaram voluntariamente das entrevistas, compartilhando suas experiências e contribuindo de forma essencial para a construção deste trabalho.

## **RESUMO**

Este estudo analisou experiências de racismo vivenciadas por jogadores do Sousa Esporte Clube no futebol brasileiro, identificando tipos de violência racial, investigando impactos nas trajetórias profissionais e pessoais e comparando situações em diferentes clubes. Utilizou-se metodologia mista descritiva e de campo, envolvendo 11 atletas profissionais autodeclarados pretos, pardos ou indígenas, com idade média de 26,4 anos, predominantemente das classes média e baixa. A coleta de dados ocorreu no primeiro semestre de 2025 mediante questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada, com análise quantitativa no JASP e qualitativa no NVivo, seguindo Bardin (2016). Os resultados revelaram que apenas um atleta relatou discriminação racial explícita durante jogo no Campeonato Piauiense, sofrendo ofensas verbais como "macaco" e "preto". A maioria dos participantes demonstrou dificuldade em reconhecer práticas discriminatórias como racismo, interpretando-as como "brincadeiras" ou provocações normais, evidenciando operação sutil do racismo estrutural. Os impactos socioemocionais incluíram tristeza, abalo emocional e desconforto, embora alguns encontrassem motivação na adversidade. Constatou-se ausência completa de denúncias formais e baixo conhecimento sobre instrumentos legais antirracismo, com apenas dois atletas conhecendo a Lei Vini Jr. A caracterização do racismo revelou três categorias através de 55 palavras: sentimentos negativos imediatos, ofensas diretas e estratégias de resistência. A análise comparativa demonstrou menor incidência no Sousa Esporte Clube versus outros clubes, embora o problema persista sistematicamente. A pesquisa evidencia necessidade urgente de programas educacionais, mecanismos efetivos de denúncia e fortalecimento de instrumentos legais antirracistas no futebol profissional.

**Palavras-chave:** Racismo; Futebol; Experiências; Sousa Esporte Clube.

## **ABSTRACT**

This study analyzed experiences of racism lived by players of Sousa Esporte Clube in Brazilian football, identifying types of racial violence, investigating impacts on professional and personal trajectories, and comparing situations in different clubs. A mixed descriptive and field methodology was used, involving 11 professional athletes self-declared black, brown or indigenous, with an average age of 26.4 years, predominantly from middle and lower classes. Data collection occurred in the first semester of 2025 through sociodemographic questionnaire and semi-structured interview, with quantitative analysis in JASP and qualitative in NVivo, following Bardin (2016). Results revealed that only one athlete reported explicit racial discrimination during a game in the Piauí Championship, suffering verbal offenses such as "monkey" and "black". Most participants demonstrated difficulty in recognizing discriminatory practices as racism, interpreting them as "jokes" or normal provocations, evidencing subtle operation of structural racism. Socioemotional impacts included sadness, emotional distress and discomfort, although some found motivation in adversity. Complete absence of formal complaints and low knowledge about anti-racism legal instruments were found, with only two athletes knowing the Vini Jr. Law. Racism characterization revealed three categories through 55 words: immediate negative feelings, direct offenses and resistance strategies. Comparative analysis demonstrated lower incidence at Sousa Esporte Clube versus other clubs, although the problem persists systemically. Research evidences urgent need for educational programs, effective complaint mechanisms and strengthening of anti-racist legal instruments in professional football.

Keywords: Racism; Football; Experiences; Sousa Esporte Clube.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Nuvem de palavras que caracterizam o racismo relatadas pelos jogadores 32

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Caracterização dos jogadores	20
Tabela 2 – Categorias de palavras associadas a caracterização de racismo relatadas pelos jogadores	30

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFC	Asiática Confederação de Futebol
AMEA	Associação Metropolitana de Esportes Athleticos
CAF	Confederação Africana de Futebol
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CONCACAF	Confederação do Norte, América Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
FIFA	Federação Internacional das Associações de Futebol
IFPB	Instituto federal da Paraíba
JASP	<i>Jeffrey's Amazing Statistics Program</i>
OFC	Confederação Oceânica de Futebol
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	16
2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	16
2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	17
2.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS .....	17
2.5 TRATAMENTO E ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS .....	18
2.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS .....	19
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>20</b>
3.1 Tipos de violência vivenciadas pelos jogadores.....	21
3.2 Impactos nas trajetórias profissionais e pessoais dos jogadores.....	24
3.3 Comparação entre ambientes de atuação profissional.....	26
3.4 Concepção dos jogadores sobre as experiências racistas .....	29
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>35</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>38</b>
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA...	38
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	40
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) ....	41
<b>ANEXOS .....</b>	<b>46</b>
ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA.....	46
ANEXO B – PARECER COM APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA .	47

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é reconhecido como o esporte mais popular do mundo, sendo praticado em praticamente todos os países. Com uma base de torcedores estimada em mais de 3,5 bilhões de pessoas (Joga Junto News, 2024), sua influência transcende fronteiras culturais e geográficas. Segundo Maia (2022), a FIFA (Federação Internacional das Associações de Futebol) registra mais de 265 milhões de praticantes ativos, consolidando-o como o esporte mais praticado globalmente.

A estrutura organizacional do futebol mundial é composta por seis confederações reconhecidas pela FIFA: CONMEBOL (Confederação Sul-Americana de Futebol), AFC (Confederação Asiática de Futebol), UEFA (União das Associações Europeias de Futebol), CAF (Confederação Africana de Futebol), CONCACAF (Confederação do Norte, América Central e Caribe) e OFC (Confederação Oceânica de Futebol). Estas confederações são responsáveis pela organização e administração do esporte em suas respectivas regiões, supervisionando as federações nacionais que regem o futebol em cada país. No contexto brasileiro, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), filiada à CONMEBOL, administra um universo de 1.276 times, distribuídos entre 850 profissionais e 426 amadores (Portal Hortolândia, 2024).

O futebol no Brasil é muito mais do que um esporte: trata-se de um fenômeno sociocultural que reflete a formação da identidade nacional e as tensões sociais ao longo da história. Embora hoje seja amplamente popular, suas origens foram marcadamente elitistas, já que, no início do século XX, o acesso ao jogo era restrito à elite branca, com clubes formados exclusivamente por membros da alta sociedade (Abrahão *et al.*, 2021). Nesse contexto, a chamada “Lei do Amadorismo”, publicada no Diário Oficial do Rio de Janeiro em 1917, funcionou como mecanismo velado de exclusão, ao restringir a participação de atletas negros e trabalhadores (Abrahão *et al.*, 2021).

Apesar da ampla difusão do futebol no país, a herança excludente permanece evidente em dados e casos documentados: levantamentos indicam que uma parcela expressiva de atletas negros sofre discriminação. Um levantamento citado na imprensa mostra que cerca de 41% dos jogadores negros que atuam nos principais campeonatos brasileiros relataram ter sofrido racismo (CNN Brasil, 2023). Além disso, a sub-representação de pessoas negras nas funções de comando persiste: levantamento do Observatório da discriminação racial no futebol mostra que, em 2024, apenas seis técnicos negros ou pardos estiveram entre os profissionais que comandaram equipes das Séries A e B do Brasileirão, evidenciando uma lacuna entre a cor/raça majoritária dos jogadores e a composição das comissões técnicas (Observatório da

discriminação racial no futebol, 2024). Esses dados e episódios demonstram que o futebol brasileiro continua a operar como um espaço de disputa por representatividade, em que o racismo estrutural e práticas discriminatórias ainda impactam atletas, profissionais e torcedores.

Segundo o Observatório da Discriminação Racial no Futebol (2016), um aumento preocupante nos casos de discriminação. Em 2014, foram registrados aproximadamente 20 casos em todo o mundo. Em contraste, o relatório de 2022 (Observatório da discriminação racial no futebol 2023) identificou 111 ocorrências de discriminação racial no futebol, sendo 65 direcionadas exclusivamente a atletas. Deste total, 98 casos ocorreram em território brasileiro, evidenciando a persistência do problema em âmbito nacional. A questão racial no futebol brasileiro reflete um contexto histórico mais amplo, enraizado no processo de colonização e no desenvolvimento do país, marcado pela escravização dos povos africanos.

Para compreender essa problemática, é fundamental reconhecer o racismo não apenas como uma atitude individual, mas como um sistema estrutural que permeia as instituições sociais. Segundo Almeida (2018), o racismo deve ser compreendido como um fenômeno estrutural e como forma de violência social. Ele vai além de preconceitos ou atos isolados de discriminação: trata-se de um conjunto de práticas, discursos, políticas e estruturas institucionais que produzem e reproduzem desigualdades baseadas na ideia de raça. O racismo estrutural se manifesta na distribuição desigual de poder, recursos e oportunidades, gerando desvantagens sistemáticas para os grupos racializados. Trata-se, portanto, de uma forma de violência simbólica e material que afeta o cotidiano das pessoas negras, operando de forma muitas vezes invisível, porém profundamente eficaz.

Um marco histórico de resistência ocorreu em 1924, quando José Augusto Prestes, presidente do Club de Regatas Vasco da Gama, recusou-se a excluir atletas negros e operários de sua equipe, conforme exigência da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos). O Vasco, por meio do Ofício CRVG nº261, anunciou sua desistência da competição em protesto contra essa discriminação. Apesar desse gesto emblemático, o avanço jurídico contra o racismo no futebol brasileiro foi lento. Apenas em 2005 ocorreu a primeira condenação por racismo, quando o Esporte Clube Juventude foi penalizado com multa e perda de mando de campo (Rademaker, 2005).

Nesse mesmo cenário, destaca-se o Sousa Esporte Clube, fundado em 10 de julho de 1991, na cidade de Sousa, alto sertão paraibano. Embora seja uma agremiação jovem, o clube vem conquistando reconhecimento nacional com sua atuação em competições como a Copa do Brasil e o Campeonato Brasileiro Série D. O exemplo do Sousa, assim como o histórico posicionamento do Vasco, evidencia que o futebol também pode ser um espaço de

enfrentamento ao racismo estrutural, desde que haja engajamento institucional e social para transformar estruturas e promover equidade. Portanto, compreender o racismo como estrutura de poder e violência social é essencial para que o futebol, enquanto fenômeno sociocultural, não apenas reflita as contradições da sociedade, mas também seja um instrumento de luta e transformação.

Considerando a complexidade do tema, observa-se que as questões raciais no futebol vêm ganhando destaque nos principais veículos de comunicação do Brasil e do mundo, especialmente quando relacionadas às grandes ligas, marcadas por visibilidade midiática e impacto econômico. No entanto, esse enfoque levanta questionamentos sobre o restante do universo esportivo, particularmente nas ligas menores, historicamente marginalizadas e com menor cobertura jornalística. Nessas competições, a discussão sobre racismo permanece incipiente ou praticamente inexistente, o que revela uma lacuna significativa na forma como o problema é tratado, como na relevância que lhe é atribuída em diferentes contextos do futebol.

Nesse sentido, a investigação possui potencial de contribuição em múltiplas dimensões. Do ponto de vista social, possibilita dar visibilidade a vozes silenciadas, favorecendo o enfrentamento de práticas discriminatórias e o fortalecimento da luta por equidade. No campo acadêmico, oferece subsídios para pesquisas interdisciplinares que dialogam com áreas como educação, sociologia, antropologia e estudos do esporte, ampliando a compreensão dos impactos do racismo em esferas da vida social. Em nível pessoal e formativo, a investigação reafirma o caráter indissociável entre pesquisa e trajetória do pesquisador, uma vez que os resultados reverberam no contexto escolar e profissional, contribuindo para a construção de práticas educativas mais críticas, inclusivas e comprometidas com a transformação social.

Este estudo tem como objetivo central analisar as experiências dos jogadores do Sousa Esporte Clube no que se refere ao racismo e discriminação racial no contexto do futebol brasileiro. Para tanto, busca-se, de forma específica, identificar os diferentes tipos de violência racial vivenciados por esses atletas, considerando as manifestações explícitas e veladas dessa forma de discriminação. Além disso, pretende-se investigar de que maneira essas experiências impactaram suas trajetórias profissionais e suas vidas pessoais, afetando aspectos emocionais, sociais e psicológicos. Por fim, o estudo propõe uma comparação entre as situações enfrentadas pelos jogadores em clubes anteriores e aquelas vivenciadas no Sousa Esporte Clube, com o intuito de compreender se, e como, o ambiente institucional influencia na reprodução ou no enfrentamento do racismo no futebol.

## 2 METODOLOGIA

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa se caracteriza como descritiva e de campo, teve como objetivo principal investigar e documentar as experiências de racismo vivenciadas pelos jogadores de futebol do Sousa Esporte Clube. O estudo buscou compreender as características sociodemográficas dos participantes, o contexto social em que estão inseridos, bem como a natureza e as manifestações específicas de violência racista no ambiente esportivo.

Para alcançar estes objetivos, a metodologia adotada seguiu uma abordagem mista, sendo quantitativa para caracterização estatística da amostra, utilizando delineamento transversal que permitiu uma análise pontual do fenômeno estudado, e qualitativa, desenvolvida em três etapas principais: pré-análise do material coletado, exploração aprofundada dos dados obtidos e tratamento e interpretação sistemática das informações (Bardin, 2016).

### 2.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A população deste estudo foi constituída por jogadores do Sousa Esporte Clube, localizado na cidade de Sousa, estado da Paraíba, os quais foram selecionados a partir dos critérios abaixo:

#### CRITÉRIOS DE INCLUSÃO:

- Está regulamente contratado pelo Sousa Esporte Clube;
- Se autodeclarar preto, pardo ou indígena no questionário sociodemográfico.

#### CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO:

- Se negar a participar da entrevista.

Da população de 23 (vinte e três) atletas, somente 11 (onze) foram selecionados a partir dos critérios elencados. Para salvaguardar o anonimato e a confidencialidade dos participantes, adotou-se um codificação alfanumérica, no qual cada atleta foi identificado pela letra "J" seguida de um protocolo de número sequencial (J1, J2, J3, J4). Essa estratégia metodológica visa preservar a identidade dos participantes, garantindo os princípios éticos de pesquisa com seres humanos.

## 2.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos principais: um questionário sociodemográfico (apêndice 1), constituído por questões objetivas focadas na caracterização do perfil dos participantes, abordando aspectos como idade, escolaridade e região de origem; e uma entrevista semiestruturada (apêndice 2), composta por questões discursivas elaboradas especificamente para esta pesquisa, estruturada para permitir progressão lógica do pensamento, baseada na metodologia de Bardin (2016).

## 2.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

O processo de coleta de dados iniciou após a obtenção da carta de anuência junto à direção do Sousa Esporte Clube e aprovação do projeto pelo Comitê de Ética do IFPB. Após o consentimento, foi marcada uma reunião com os jogadores por meio do departamento de futebol do clube para a apresentação da pesquisa, respeitando o cronograma da instituição esportiva e a rotina dos atletas, a qual durou em torno de 10 a 15 minutos, com o intuito de veicular a pesquisa e convidar os atletas a participarem da primeira etapa, que é o questionário sociodemográfico.

A aplicação do questionário sociodemográfico e da entrevista semiestruturada ocorreu de forma presencial e individual, em horário previamente acordado com cada participante. O local escolhido foi a sala de imprensa do Estádio Antônio Mariz, localizado na Rua Floriano Peixoto, Areia, Sousa - PB, 58801-510, nas dependências compartilhadas entre a Secretaria de Esporte e Lazer do município e o referido estádio. A utilização da sala foi concedida gratuitamente pela direção esportiva, mediante solicitação prévia dos pesquisadores. O ambiente apresentava condições adequadas para a coleta de dados, sendo silencioso, confortável, climatizado e equipado com mobiliário apropriado. Essas características contribuíram para que os participantes se sentissem à vontade durante as entrevistas, favorecendo respostas mais sinceras e reduzindo possíveis interferências externas. A escolha por essa abordagem metodológica visou promover um ambiente que respeitasse as normas éticas de pesquisa, garantindo privacidade e conforto aos entrevistados.

Os objetivos e a metodologia da pesquisa foram detalhadamente apresentados aos participantes, que receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que foi lido e assinado antes do início de qualquer procedimento da pesquisa. Após a formalização deste documento, aplicou-se um questionário sociodemográfico para análise de perfil. Se as

características corresponderam aos critérios estabelecidos para o estudo (autodeclaração preta, parda ou indígena), o atleta era convidado a participar de uma entrevista semiestruturada.

Já, se o participante se autodeclarou branco ou amarelo, o pesquisador, de forma respeitosa e transparente, agradeceu a disponibilidade do atleta e explicou gentilmente que a próxima etapa da pesquisa tem um recorte específico focado nas experiências de atletas que se autodeclararam pretos e pardos ou indígenas. Ressalta-se que os dados coletados dos participantes que não corresponderam aos critérios estabelecidos foram descartados de forma segura, garantindo sua privacidade e confidencialidade, além de não serem utilizados, e os questionários sociodemográficos foram triturados.

Previamente à coleta definitiva dos dados, realizou-se um teste piloto com um atleta da base. Esse procedimento visou avaliar a adequação do instrumento de pesquisa, aprimorar as técnicas de entrevista e verificar o alinhamento entre o roteiro semiestruturado e os objetivos do estudo, permitindo os ajustes necessários para garantir a validade e confiabilidade dos dados.

A coleta de dados foi realizada no primeiro semestre de 2025, com a participação voluntária dos respondentes. No primeiro momento, utilizou questionários impressos e, no segundo momento, um gravador de voz Sony (ICDPX240). A duração dessa etapa variou de 15 a 45 minutos, considerando a possibilidade de o participante contribuir apenas no primeiro momento, no segundo ou em ambos os estágios da pesquisa.

## 2.5 TRATAMENTO E ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS DADOS

O processamento e análise dos dados seguiu duas vertentes: a análise quantitativa, utilizando o software *online* JASP (*Jeffrey's Amazing Statistics Program*) para Windows, com tabulação e organização dos dados sociodemográficos, análise estatística descritiva e geração de gráficos e tabelas. Já para a análise dos dados qualitativos coletados, utilizou-se o software NVivo versão 15.1, uma ferramenta especializada que permite a organização, codificação e interpretação sistemática de materiais textuais, na qual foi aplicada a metodologia de Bardin (2016), com transcrição integral das entrevistas, categorização temática das respostas, análise de conteúdo e interpretação dos resultados à luz da literatura específica. O sistema categorial foi elaborado a partir de categorias de análise definidas a posteriori, ou seja, emergiram progressivamente dos dados conforme a análise avançava. As categorias foram: tipos de violência; impactos nas trajetórias; comparação entre ambientes; e concepção sobre as experiências racistas. Essa estratégia possibilitou que as categorias fossem construídas com base nos padrões e significados identificados no material analisado (Bardin, 2016).

## 2.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa pelo CAAE: 84986924.3.0000.5185, parecer: 7.950.025, conforme a resolução nº 510 de 2016 do Conselho Nacional de Saúde e com a carta de anuência assinada pela direção da instituição. Aos participantes da pesquisa foram garantidos o sigilo da sua identidade, privacidade e confidencialidade nas informações dadas na investigação. As informações coletadas não tiveram interferência externa e nenhum compartilhamento, foram utilizadas exclusivamente para o desenvolvimento do estudo, sendo os pesquisadores os únicos a terem acesso. Os participantes da pesquisa livremente escolheram participar da investigação; no caso, o jogador teve a escolha de querer participar da entrevista semiestruturada ou não, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### • POSSÍVEIS RISCOS:

Os riscos a que o participante da pesquisa esteve exposto são psicossociais, tais como desconfortos ao responder às perguntas e constrangimentos. O jogador poderia ficar desconfortável ou até constrangido com alguma pergunta na entrevista semiestruturada. Além disso, tivemos contato previamente com o atleta para combinar o momento da entrevista, a qual foi realizada em conformidade com o tempo de cada jogador, e o participante teve a livre escolha para participar da entrevista ou não, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

### • PROVIDÊNCIAS PARA MINIMIZAR OS RISCOS:

Com o intuito de minimizar os riscos ou resolver os problemas decorrentes destes, a equipe de pesquisa esteve à disposição para sanar qualquer inconveniente que pudesse surgir; o participante recebeu esclarecimentos detalhados sobre a natureza da pesquisa antes da entrevista; garantia ao participante o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que foram abordados) antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada; o tempo de duração deu-se previamente informado e observado; foi respeitado pausas caso seja solicitada pelo participante; houve disponibilização dos contatos dos pesquisadores para esclarecimentos posteriores e o acesso aos resultados da pesquisa, se desejado.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi composta por 11 atletas profissionais do elenco principal do Sousa Esporte Clube, durante a temporada 2024/2025, com idade média de 26,4 anos. Entre eles, a maioria declarou-se casada ou solteira (45,45% cada), enquanto apenas um participante informou estar em união estável. Em relação à escolaridade, predominaram aqueles com ensino médio completo e incompleto (36,36% cada), seguidos por um número reduzido com ensino fundamental incompleto (18,18%) e ensino superior incompleto (9,09%). Observou-se ainda que a maior parte dos atletas não reside na cidade de Sousa (90,91%), vivendo principalmente em apartamento ou casa alugada (45,45%) ou em residência de familiares em suas cidades natais (36,36%). Além disso, verificou-se que nenhum jogador recebe auxílio governamental e que a maioria se encontra entre a classe média (54,55%) e baixa (45,45%). Quanto à renda familiar, 45,45% dos atletas relataram até dois salários-mínimos, 36,36% entre dois e três salários, e apenas 18,18% afirmaram possuir renda superior a seis salários-mínimos. Esses dados evidenciam um grupo predominantemente jovem, com nível de escolaridade intermediário e inserção socioeconômica concentrada entre as classes média e baixa, como demonstrado na tabela abaixo.

**Tabela 1 – Caracterização dos jogadores**

Caracterização da amostra	Frequência (n)	Porcentagem (%)
<b>Idade</b>		26,4 (média)
<b>Estado civil</b>		
Casado	5	45,45
Solteiro	5	45,45
União Estável	1	9,09
<b>Escolaridade</b>		
Fund. Incompleto	2	18,18
Médio Completo	4	36,36
Médio Incompleto	4	36,36
Superior incompleto	1	9,09
<b>Reside em Sousa</b>		
Sim	1	9,09
Não	10	90,91
<b>Onde reside</b>		

Apartamento ou casa alugada	5	45,45
Casa de familiares cidade natal	1	9,09
Casa de familiares em Sousa	1	9,09
Outros	4	36,36
<b>Auxílio governamental</b>		
Não	11	100
<b>Classe social</b>		
Média	6	54,55
Média Baixa	5	45,45
<b>Renda familiar</b>		
1 mínimo	2	18,18
2 a 3 mínimo	5	45,45
4 a 6 mínimo	2	18,18
Mais de 6 mínimos	2	18,18

Fonte: Dados da pesquisa (2025), com auxílio do software Jasp.

### 3.1 Tipos de violência vivenciadas pelos jogadores.

Durante a pesquisa, foram realizadas 11 entrevistas com jogadores de futebol profissional, buscando identificar e compreender experiências de racismo e discriminação racial no contexto esportivo. Entre os participantes, apenas um relatou ter vivenciado diretamente um ato racista, descrevendo a ocorrência de forma clara e inequívoca. Os demais afirmaram não ter sofrido esse tipo de discriminação ou não reconheceram as ofensas recebidas como manifestações racistas, interpretando-as como parte das provocações e hostilidades “normais” do ambiente competitivo, de acordo com as falas abaixo:

*“Eu sofri no Campeonato Piauiense de 2023. Num jogo lá na final, eu estava marcando o lateral, jogando normalmente, fiz um desarme limpo e a torcida partiu para o racismo comigo.”*  
(J11)

*“Na verdade, foi mais bullying mesmo que eu passei. Lembro de um jogo recente que fiz com a equipe aqui no Nordeste. Como a gente enfrentou uma equipe de divisão superior, me xingaram muito até de ‘passa fome’ me chamaram.”* (J3)

Essa dificuldade relatada pelos jogadores em reconhecer determinadas ofensas racistas pode ser compreendida à luz da discussão sobre o caráter estrutural do assunto no Brasil. De

acordo com Corrêa, Foster e Custódio (2022), os casos brasileiros não se restringe a atos explícitos de discriminação, mas está enraizado nas bases históricas, sociais e culturais do país, sendo reproduzido de forma institucional e cotidiana. Esse fenômeno, construído ao longo de séculos, opera muitas vezes de maneira silenciosa e naturalizada, moldando percepções e comportamentos tanto de quem pratica quanto de quem sofre tais agressões. Assim, práticas e discursos discriminatórios podem ser interpretados como normais ou parte do convívio competitivo, contribuindo para a perpetuação e invisibilidade das desigualdades raciais (Brasil; *et.al.*, 2024).

Um dos aspectos centrais investigados nas entrevistas referiu-se à tipologia das violências experimentadas pelos atletas participantes da pesquisa. Conforme mencionado anteriormente no texto, apenas um dos entrevistados relatou explicitamente ter sido vítima de violência com caráter racista, especificamente de natureza verbal, incluindo ofensas diretas com conotações raciais.

*"Foi verbal mesmo. Ficaram falando 'seu macaco', 'seu preto', 'sai daí que você é ruim', 'você não deveria estar aqui porque você é muito preto.' (J11)*

Os demais participantes relataram ter vivenciado diferentes formas de discriminações verbais, manifestadas através de ofensas, comentários irônicos e até mesmo episódios caracterizados pelos próprios atletas como "brincadeiras". Contudo, é importante destacar que estes participantes não identificaram ou categorizaram tais experiências como sendo de cunho especificamente discriminatório, o que indica ter uma diferença na percepção individual sobre o que constitui o preconceito racial, quanto a mecanismos de naturalização dessas práticas no ambiente esportivo.

*"Cara, 'passa fome' foi uma das palavras que eles falaram. Eu vejo isso como uma discriminação mesmo, sabe? Por ser do Nordeste. Então foi uma situação bem constrangedora que eu passei." (J3)*

Ao ser indagado sobre o tipo de violência que se tratou o atleta (J1) informou que se tratou de uma ironia como na fala abaixo mostra.

*"Às vezes rola uma ironia... Foi só ironia mesmo." (J1)*

Já o atleta (J7) ao ser perguntado também sobre os atos sofridos usa a expressão "brincadeira" como mostra o trecho abaixo.

*"Aconteceu, mas foi tudo uma brincadeira... Não, foi brincadeira mesmo de resenha" (J7)*

Considerando os relatos apresentados pelos entrevistados sobre as "ironias" e "brincadeiras" sofridas no ambiente esportivo, torna-se necessário aprofundar a compreensão sobre os mecanismos do humor racista. Segundo Moreira (2019), é fundamental compreendermos que esse tipo de humor não se limita apenas à disseminação de estereótipos direcionados aos membros de grupos étnicos minoritários, mas possui uma função mais complexa e perversa: busca consolidar a ideia de que exclusivamente os indivíduos pertencentes ao grupo étnico dominante são dignos de respeito social, sendo os únicos reconhecidos como capazes e competentes. Dessa forma, conforme o autor, o humor racista opera com um propósito bem definido: convencer a sociedade de que as estruturas sociais vigentes somente podem ser preservadas mediante a manutenção dos brancos em posições de poder e prestígio. Essa dinâmica fundamenta-se em uma lógica aparentemente simples, mas profundamente eficaz: as piadas de cunho preconceituoso funcionam como veículos de múltiplos significados ideológicos, de modo que, quando uma pessoa branca emprega tal ato para desqualificar ou diminuir pessoas negras, ela simultaneamente comunica sua própria superioridade percebida, enquanto reforça e naturaliza a supremacia branca no imaginário social. Assim, o que pode parecer "apenas uma brincadeira" revela-se como um mecanismo sofisticado de perpetuação das hierarquias raciais (Moreira, 2019).

Um dado relevante observado na pesquisa é que nenhum dos atletas entrevistados realizou denúncia formal em relação a episódios de racismo, inclusive o jogador que relatou ter sido vítima direta dessa forma de violência.

*"Não, nunca cheguei a denunciar não. Porque lá no Piauí, como eu falei, eu sofri isso, mas tipo, eu não dei muita importância na época." (J11)*

*"...já eu já presenciei esse fato sim, mas não houve nenhum tipo de denúncia" (J2)*

A atitude do entrevistado de não formalizar denúncias sobre os episódios vivenciados encontra respaldo nas discussões acadêmicas. Conforme evidenciado por Kassimeris, Lawrence e Pipini (2022), o racismo no futebol não apenas persiste, mas tem evoluído em suas manifestações, sendo que a ausência de denúncias fortes pode contribuir para um ambiente tóxico para os jogadores, potencialmente levando a problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e diminuição do desempenho. O autor ressalta ainda que a presença contínua dos casos, tanto no campo físico quanto no digital, ressalta a necessidade de respostas

eficazes para proteger o bem-estar dos jogadores. Essa perspectiva corrobora com o cenário observado na presente pesquisa, em que a naturalização das práticas discriminatórias e a ausência de mecanismos efetivos de denúncia contribuem para a manutenção de um ciclo vicioso que compromete não apenas o desempenho atlético, mas também a saúde mental dos esportistas negros.

### **3.2 Impactos nas trajetórias profissionais e pessoais dos jogadores**

Dos 11 atletas que compuseram a amostra, apenas 1 relatou ter sido vítima direta de episódios de racismo ao longo de sua trajetória esportiva, como citado anteriormente. No entanto, a maioria dos participantes afirmou já ter presenciado situações dessa natureza envolvendo colegas de profissão ou adversários, o que evidencia a presença recorrente desse fenômeno no ambiente futebolístico. Apenas dois atletas informaram não terem sofrido nem presenciado qualquer episódio relacionado ao preconceito ou injuria, configurando exceção dentro do grupo investigado.

Entre os atletas que sofreram ou presenciaram algumas situações que abordassem esse tema, ao serem questionados sobre a forma como essas experiências impactaram suas trajetórias profissionais ou pessoais, apenas quatro relataram ter sentido influência direta no aspecto emocional, evidenciando sentimentos de abalo e desconforto.

*"A gente sente sim, né? Porque é um companheiro de trabalho que está convivendo com a gente todos os dias." (J10)*

*"A gente como jogador fica triste mesmo, né? Quando acontece essa situação não é confortável para ninguém, independente de quem for." (J9)*

*"Fiquei triste pelo meu amigo, né? Meu companheiro de trabalho." (J4)*

*"De vez em quando vem na mente. Principalmente depois, quando eu voltei no campo, aí olhei para a arquibancada e me lembrei." (J11)*

Por outro lado, houve relatos de jogadores que destacaram que, dentro de campo, tais episódios funcionaram como um fator motivacional, despertando ainda mais vontade de jogar e o desejo de superar a adversidade imposta pela situação. Esse dado demonstra que, embora o

racismo carregue uma forte carga negativa, muitos atletas encontram no próprio jogo uma forma de resistência e ressignificação da experiência vivida.

*"Se motivar mais ainda, né? Porque eu ouvi tal coisa e para brigar por direitos iguais. Positivamente sim." (J6)*

*"Eu me sinto motivado" (J7)*

A análise dos impactos socioemocionais do racismo no futebol revela uma problemática complexa e multifacetada que transcende as quatro linhas do campo de jogo. Como destacado por Nascimento e Santos (2023), no futebol leva a impactos socioemocionais significativos nos jogadores, incluindo traumas, sentimentos de inferioridade e sofrimento mental, evidenciando que os prejuízos psicológicos experimentados pelos jogadores vítimas de discriminação configuram-se como feridas profundas que afetam não apenas o desempenho atlético, mas toda a estrutura emocional e identitária desses indivíduos. O desenvolvimento de traumas e sentimentos de inferioridade representa uma violação sistemática da dignidade humana, transformando o ambiente esportivo, que deveria ser um espaço de celebração da diversidade e excelência atlética, em um campo de batalha psicológica em que atletas negros se veem constantemente questionados em sua humanidade (Begel, 2023).

Nesse sentido, as vítimas geralmente carecem de apoio, exacerbando suas lutas e perpetuando um ciclo de sofrimento emocional sem resposta ou responsabilidade institucional adequadas (Nascimento; Santos, 2023). Para os autores Ribeiro, Knoerr e Barbosa (2024), essa constatação revela como a ausência de suporte institucional adequado agrava exponencialmente a situação, criando um cenário em que as vítimas permanecem isoladas em seu sofrimento, sem mecanismos efetivos de proteção ou reparação. A negligência institucional manifesta-se por meio da falha dos clubes em implementar políticas inclusivas e educar adequadamente dirigentes, atletas e demais partes interessadas sobre as manifestações e consequências do racismo no ambiente esportivo. Tal negligência não apenas perpetua o ciclo de violência racial, mas também sinaliza uma conivência tácita com práticas discriminatórias, permitindo que esses comportamentos persistam e minem sistematicamente os esforços para combater o racismo no esporte.

No que se refere ao conhecimento dos participantes acerca da Lei nº 12.957/2023, conhecida popularmente como “Lei Vini Jr.”, os resultados apontaram um baixo nível de familiaridade. Dos 11 integrantes da amostra, apenas 2 afirmaram conhecer a legislação, sendo

que um declarou ter apenas um conhecimento superficial (“*bem pouco*”). Entre os 9 restantes, a maioria (6 participantes) relatou já ter ouvido falar da lei, mas sem maiores detalhes, enquanto 3 afirmaram não ter qualquer conhecimento sobre o tema. Esses achados evidenciam que, apesar da relevância da lei no combate ao racismo no esporte, seu alcance informativo ainda é limitado entre os pesquisados. Segue relatos dos participantes:

*"Cara, eu conheço bem pouco essa lei. Nunca tentei me aprofundar nela." (J8)*

*"Eu já ouvi falar com o pessoal, mas eu não conheço direito." (J5)*

*"Não, só já ouvi falar da lei mesmo." (J11)*

*"Ouvi falar, mas cheguei a ler não." (J6)*

A postura dos entrevistados em não formalizar denúncias sobre os episódios de discriminação e preconceito racial vivenciados reflete uma problemática mais ampla identificada na literatura especializada sobre o tema. De acordo com Abrahão *et al.* (2021), a ignorância sobre as leis antirracismo no futebol brasileiro pode levar à contínua discriminação racial, à falta de responsabilidade dos infratores e à perpetuação de um ambiente hostil para jogadores e torcedores, minando os esforços para promover a inclusão e respeito no esporte. Esta perspectiva teórica evidencia como o desconhecimento dos mecanismos legais de proteção contribui para a manutenção dessas práticas no ambiente esportivo. Os dados coletados nesta pesquisa corroboram essa análise, uma vez que a ausência de denúncias formais por parte dos atletas entrevistados sugere não apenas uma possível naturalização dessas condutas, mas também o desconhecimento sobre os instrumentos jurídicos disponíveis para o combate ao racismo no futebol. Essa lacuna no conhecimento legal perpetua um ciclo de impunidade que, conforme apontado por Abrahão *et al.* (2021), compromete os esforços institucionais de promoção da inclusão racial no esporte brasileiro.

### **3.3 Comparaçāo entre ambientes de atuaāo profissional**

Durante a aplicāo dos instrumentos de pesquisa, foi questionado especificamente aos participantes se haviam vivenciado ou experienciado situações de discriminação racial enquanto atletas do Sousa Esporte Clube. Dos entrevistados que compõem a amostra, apenas

um atleta relatou ter sofrido algum tipo de violência durante sua passagem pelo clube. Contudo, é importante destacar que o participante não caracterizou o episódio como sendo de cunho racista, mas sim como "*bullying*", conforme suas próprias palavras:

*"Na verdade, foi mais bullying mesmo que eu passei. Lembro de um jogo recente que fiz com a equipe aqui no Nordeste. Como a gente enfrentou uma equipe de divisão superior, me xingaram muito até de 'passa fome' me chamaram" (J3).*

O relato apresentado evidencia uma situação de discriminação regional, em que o atleta foi alvo de ofensas relacionadas a estereótipos sobre o Nordeste brasileiro. Este dado revela a complexidade das percepções sobre discriminação no ambiente esportivo, demonstrando como diferentes formas de preconceito podem se manifestar e serem interpretadas pelos próprios atletas, nem sempre sendo reconhecidas ou categorizadas como práticas racistas, mesmo quando envolvem elementos discriminatórios e preconceituosas.

Ampliando a análise dos dados coletados, verificou-se que, dos onze participantes da pesquisa, oito relataram ter vivenciado algum tipo de experiência relacionada à discriminação racial ao longo de suas trajetórias no futebol. Deste total de oito atletas que relataram vivências e experiências discriminatórias, três apresentaram relatos de situações que teriam ocorrido especificamente durante sua passagem pelo Sousa Esporte Clube, todos eles enquanto integravam a equipe sub-20 do clube. É relevante observar que, dentre esses três casos, apenas um participante afirmou categoricamente ter vivenciado um caso de discriminação racial, enquanto os outros dois demonstraram incerteza sobre a natureza discriminatória dos episódios vivenciados, alegando que se tratou de uma situação que gera dúvidas quanto à sua real caracterização como atos racistas. Esta variação nas percepções dos atletas sobre suas próprias experiências reforça a complexidade inerente ao fenômeno do racismo no esporte, evidenciando como a subjetividade e o contexto específico de cada situação influenciam diretamente o reconhecimento e a verbalização dessas práticas discriminatórias.

*"Vi, só não sei se foi tipo concretizado mesmo se ele sofreu, eu vi o moleque falando que ouviu."*  
*(J1)*

*"Teve e ao mesmo tempo não teve, porque eu não escutei direito. No jogo contra o adversário, o goleiro disse que sofreu racismo. Só que eu estava do lado e os caras não falaram nada disso não - só falaram que ele era 'mão de lodo'. Teve até uma zoada que eles queriam chamar a polícia e tudo."*  
*(J11)*

*"Foi aqui no Sousa, no sub-20. A gente estava jogando um jogo do campeonato da cidade, ai um atleta nosso - o centro avante - por ser negro, o cara se ofendeu com ele e chamou ele de macaco." (J6)*

Os outros cinco informaram terem vivenciado, mas em outros clubes, alguns até destacam a questão xenofóbica por serem de outros estados em específico do nordeste. como destaca os trechos:

*"Já vivenciei isso em um clube aqui do Nordeste que eu passei também. Vi parte da torcida chamando companheiros da minha equipe de macaco." (J3)*

*"Sim, já presenciei sim. Foi em um clube que eu passei, né? Foi uma situação muito chata... a torcida chamou ele de macaco, esses nomes..." (J4)*

*"Tive experiências assim, principalmente lá no Sul, né? Tive experiência não com racismo sobre a cor, mas sobre o lugar - a gente que é do Nordeste sofre, né? Principalmente na época da eleição, eu tive isso lá em Santa Catarina." (J10)*

Os relatos de xenofobia apresentados pelos entrevistados, especialmente aqueles relacionados ao preconceito contra nordestinos, encontram suas raízes em um contexto histórico mais amplo de marginalização de grupos não hegemônicos no Brasil. Conforme evidenciado por Garcez *et al.* (2024), o país possui um histórico de práticas discriminatórias que transcende a questão racial específica, uma vez que o contexto histórico da discriminação racial no Brasil, destacando as ideologias eugênicas e o preconceito institucional que marginalizaram comunidades não brancas, incluindo nordestinos, contribui para a xenofobia e racismo por meio da exclusão social e promoção de narrativas de pureza racial. Esta perspectiva auxilia na compreensão de como os episódios relatados pelos atletas participantes da pesquisa se inserem em uma estrutura histórica mais ampla de discriminação, em que o preconceito regional contra nordestinos constitui uma das manifestações do sistema de exclusão social brasileiro. A análise da autora Oliveira (2020) demonstra como ideologias eugênicas históricas, enraizadas no racismo científico e na noção de superioridade, contribuíram para a construção de narrativas discriminatórias que moldaram estereótipos no ambiente esportivo e perpetuaram uma visão hierárquica de raça e identidade dentro da cultura do futebol. Embora essas ideologias tenham evoluído em suas manifestações, permanecem influenciando as relações sociais contemporâneas, marginalizando atletas negros e reforçando estruturas discriminatórias

no ambiente esportivo. Dessa forma, comprehende-se que as experiências de discriminação vivenciadas pelos atletas entrevistados não são fenômenos isolados, mas parte de um continuum histórico de marginalização que afeta diversos grupos sociais no contexto brasileiro.

### **3.4 Concepção dos jogadores sobre as experiências racistas**

O reconhecimento ou negação de experiências ou vivencias racistas pelos participantes da pesquisa revela-se como um fenômeno complexo e multifacetado, em que a percepção individual da discriminação racial nem sempre corresponde à realidade objetiva dos eventos vivenciados. Muitos entrevistados demonstraram dificuldade em identificar tais situações normalizando comportamentos e atitudes preconceituosas como parte do cotidiano social, enquanto outros negam completamente ter sofrido qualquer tipo de preconceito racial, mesmo quando relatam episódios que claramente configuram práticas racistas. Esta ambiguidade na percepção e no reconhecimento do racismo pelos próprios sujeitos que o experienciam aponta para a naturalização e invisibilização dessas práticas na sociedade brasileira, evidenciando como o estrutural opera de forma sutil e pervasiva no imaginário coletivo.

Os achados desta pesquisa sobre o reconhecimento ou negação de experiências racistas pelos participantes encontram respaldo teórico nas discussões da autora Oliveira (2020), na qual ela destaca os mecanismos de perpetuação do racismo estrutural. A complexidade observada na percepção individual da discriminação racial, em que muitos entrevistados demonstraram dificuldade em identificar situações de racismo ou normalizaram comportamentos discriminatórios, dialoga diretamente com essas reflexões, que advertem sobre os perigos da minimização dessas experiências. Minimizar as ofensas contribui para uma percepção distorcida da população negra no Brasil, reforçando o racismo sistêmico e dificultando a construção de políticas antirracistas eficazes, intensificando as desigualdades sociais e o genocídio da cultura negra (Braga; Gomes, 2024).

Esta perspectiva vai de encontro aos resultados, uma vez que a tendência dos atletas entrevistados em naturalizar ou negar experiências discriminatórias pode ser compreendida como uma manifestação do próprio caráter estrutural, que opera de forma a tornar invisíveis suas próprias práticas. Corroborando com essa análise, Cristo (2024) identifica que as limitações nas medidas atuais de combate ao racismo no futebol brasileiro incluem a aplicação insuficiente das leis existentes, a ausência de conscientização entre as partes interessadas e o treinamento inadequado sobre políticas antirracismo, fatores esses que impedem a implementação efetiva dos instrumentos legais disponíveis. O autor destaca que essa fragilidade

institucional se manifesta em múltiplas dimensões, desde a falta de capacitação dos profissionais envolvidos no ambiente esportivo até a ausência de protocolos claros de identificação e punição de condutas discriminatórias. Dessa forma, a dificuldade dos atletas em reconhecer manifestações discriminatórias reflete não apenas uma questão individual de percepção, mas também a fragilidade sistêmica das estruturas de proteção e educação no contexto esportivo, evidenciando um ciclo vicioso onde a ineficácia das medidas institucionais contribui para a perpetuação da naturalização do racismo nas práticas cotidianas do futebol brasileiro.

Para compreender melhor essa dinâmica, torna-se fundamental analisar como os participantes caracterizaram o racismo quando solicitados a defini-lo em apenas cinco palavras. A análise das 55 palavras coletadas permitiu sua organização em uma tabela e posterior categorização em três grupos distintos, conforme apresentado na Tabela 2. As categorias identificadas foram: “Sentimentos negativos imediatos”, “Ofensas Diretas (racismo explícito e verbal)” e “Resistência e Ressignificação”.

**Tabela 2 – Categorias de palavras associadas a caracterização de racismo relatadas pelos jogadores**

Categorias	Palavras associadas	Descrição
<b>Sentimentos negativos imediatos</b>	Tristeza, desprezado, mágoa, solidão, angústia, cabibaixo, raiva, revolta, desvalorizado, humilhado, injustiça, mal, diferente, inferior.	Expressam o impacto emocional do racismo: dor, exclusão, inferiorização e desumanização sentida pelos atletas.
<b>Ofensas Diretas (racismo explícito e verbal)</b>	Macaco, imundo, sujo, negro (pejorativo), nojento, paraibaca, desrespeito, desleal, impróprio.	Representam a materialização do racismo através de insultos, xingamentos e estigmatização.
<b>Resistência e Ressignificação</b>	Superação, seguir, motivação, forte, cabeça, orgulho, fortalecimento, autoconhecimento, raízes, estudo, respeito, educação, humano, indiscutível.	Mostram as formas de enfrentamento: resiliência, reconstrução identitária, valorização das origens e uso da experiência como força.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A primeira categoria identificada na tabela, denominada “Sentimentos negativos imediatos”, revela o profundo impacto emocional que as experiências racistas provocam nos atletas entrevistados, englobando termos como tristeza, desprezado, mágoa, solidão, angústia, raiva, revolta, humilhado e injustiça. Esta dimensão emocional encontra respaldo na literatura, como destacam os autores Araújo e Soares (2023), que demonstram como os impactos

psicológicos imediatos de ser vítima de racismo incluem o desenvolvimento de ansiedade, depressão e outros transtornos mentais, já que os estressores do meio ambiente e da vida social contribuem significativamente para o sofrimento psíquico entre indivíduos afetados pelo racismo estrutural. A convergência entre as percepções dos participantes e os achados científicos evidencia que o racismo no futebol transcende as ofensas momentâneas, configurando-se como um fator de risco para a saúde mental dos atletas (Castellana *et al.*, 2023).

A segunda categoria identificada na tabela, "Ofensas Diretas (racismo explícito e verbal)", engloba termos que representam as manifestações concretas e verbalizadas da discriminação racial, incluindo palavras como macaco, imundo, sujo, desrespeito, nojento e paraibaca, demonstrando a materialização do preconceito por meio de insultos e xingamentos diretos. Esta realidade corrobora com a ideia apresentada pelos autores Santos e Giglio (2019), que evidencia como ofensas racistas diretas podem causar sofrimento psicológico significativo para jogadores de futebol, afetando sua saúde mental e potencialmente prejudicando seu desempenho esportivo, uma vez que esses incidentes, influenciando seu foco e eficácia durante os jogos.

A terceira categoria, "Resistência e Ressignificação", revela estratégias de enfrentamento dos atletas por meio de termos como superação, motivação, orgulho, educação e fortalecimento, demonstrando a capacidade de transformar experiências adversas em empoderamento. Esta dimensão encontra fundamentação na literatura, como colocado por Meriluoto (2024), que discute a "ressignificação" como uma estratégia de resistência visual ao estigma, em que os indivíduos se identificam temporariamente com rótulos depreciativos e os redefinem como fontes de orgulho, processo que desempenha um papel crucial na formação da identidade cultural, permitindo que ativistas recuperem narrativas e afirmem suas identidades contra o estigma. Os dados evidenciam que os atletas desenvolvem mecanismos de resistência que fortalecem sua identidade como forma de enfrentamento ativo da discriminação.

Para uma melhor visualização e compreensão das percepções dos atletas sobre o racismo, foi elaborada uma nuvem de palavras a partir das respostas fornecidas pelos participantes quando solicitados a caracterizar essa problemática utilizando apenas cinco palavras cada. A nuvem de palavras foi construída com base na análise de frequência dos termos mencionados pelos 11 atletas entrevistados, totalizando 55 palavras coletadas.

**Figura 1 – Nuvem de palavras que caracterizam o racismo relatadas pelos jogadores**



Fonte: Dados da pesquisa (2025), com auxílio do software NVivo.

Na representação visual, o tamanho de cada palavra é proporcional à sua frequência de citação entre os participantes, de modo que os termos mencionados com maior recorrência aparecem em destaque, enquanto aqueles citados com menor frequência são representados em tamanho reduzido. Esta metodologia permite identificar imediatamente quais conceitos e sentimentos são mais comumente associados às experiências racistas na percepção dos jogadores, oferecendo uma síntese visual das três principais categorias identificadas: sentimentos negativos imediatos, ofensas diretas e estratégias de resistência e ressignificação.

#### 4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa buscou analisar as experiências racistas de jogadores profissionais de futebol do Sousa Esporte Clube, revelando um panorama complexo e multifacetado dessa problemática no contexto do futebol brasileiro. Os resultados obtidos por meio das entrevistas com 11 atletas profissionais proporcionaram percepções significativas sobre como o racismo se manifesta, é percebido e impacta a vida dos jogadores no ambiente esportivo.

Um dos achados mais relevantes desta investigação foi a constatação de que apenas um atleta relatou explicitamente ter vivenciado discriminação racial direta, enquanto a maioria dos participantes demonstrou dificuldade em reconhecer certas práticas discriminatórias como manifestações racistas. Esta tendência de naturalização e minimização de episódios discriminatórios destaca como o racismo estrutural opera de forma sutil e pervasiva, moldando percepções e normalizando comportamentos que deveriam ser reconhecidos como inaceitáveis.

A pesquisa revelou que muitos atletas interpretam ofensas raciais como "brincadeiras", "ironias" ou parte das provocações normais do ambiente competitivo, demonstrando como o humor racista funciona como um mecanismo sofisticado de perpetuação das hierarquias raciais. Esta percepção distorcida contribui para a invisibilização do problema e dificulta a implementação de medidas efetivas de combate à discriminação no esporte.

No que se refere aos impactos socioemocionais, a investigação identificou que as experiências discriminatórias afetam os jogadores de diferentes maneiras. Enquanto alguns relataram sentimentos de tristeza, abalo emocional e desconforto, outros encontraram na adversidade uma fonte de motivação adicional para superar os desafios impostos. Esta dualidade de respostas evidencia a complexidade dos mecanismos de enfrentamento desenvolvidos pelos atletas diante de situações discriminatórias.

Um aspecto preocupante identificado foi a ausência completa de denúncias formais por parte dos participantes, mesmo daqueles que vivenciaram episódios claramente discriminatórios. Esta postura reflete não apenas a naturalização dessas práticas, mas também revela lacunas no conhecimento sobre os instrumentos legais disponíveis para o combate ao racismo no futebol, como evidenciado pelo baixo nível de familiaridade dos atletas com a Lei Vini Jr. nº 12.957/2023.

A análise comparativa entre diferentes ambientes de atuação profissional demonstrou que, embora o Sousa Esporte Clube tenha apresentado menor incidência de episódios discriminatórios em relação a outros clubes mencionados pelos atletas, o problema persiste de forma sistêmica no futebol brasileiro. Os relatos sobre discriminação regional, especialmente

contra nordestinos, revelaram como diferentes formas de preconceito se entrelaçam no ambiente esportivo, criando múltiplas camadas de exclusão e marginalização.

A caracterização do racismo pelos participantes em cinco palavras revelou três categorias principais de percepção: sentimentos negativos imediatos, ofensas diretas e estratégias de resistência e ressignificação. Esta categorização evidencia tanto o impacto devastador da discriminação racial quanto a capacidade de resiliência desenvolvida pelos atletas para enfrentar essas adversidades.

Os achados desta pesquisa têm importantes implicações práticas para o combate ao racismo no futebol profissional. Primeiro, demonstram a urgente necessidade de programas educacionais que sensibilizem atletas, dirigentes e demais envolvidos no esporte sobre as manifestações do racismo e seus impactos. Segundo, evidenciam a importância de criar mecanismos efetivos de denúncia e apoio às vítimas de discriminação racial. Terceiro, apontam para a necessidade de fortalecer a divulgação e implementação de instrumentos legais de combate ao racismo no esporte.

É fundamental reconhecer que as limitações desta pesquisa, incluindo o tamanho da amostra e o contexto específico de um único clube, não diminuem a relevância dos achados, mas indicam a necessidade de estudos adicionais que ampliem a compreensão sobre essa problemática. Futuras investigações poderiam expandir a amostra para incluir atletas de diferentes regiões e níveis competitivos, além de incorporar outras perspectivas, como a de dirigentes, técnicos e torcedores.

A luta contra o racismo no futebol não se encerra com a identificação do problema, mas exige ações concretas e coordenadas de todos os atores envolvidos no esporte. É necessário que clubes, federações, confederações e órgãos governamentais trabalhem conjuntamente para criar um ambiente verdadeiramente inclusivo e respeitoso, em que a diversidade seja celebrada e não utilizada como base para discriminação.

Em última análise, esta pesquisa contribui para o avanço do conhecimento sobre o racismo no futebol brasileiro, pontualmente, no sertão da Paraíba, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de políticas antirracistas mais efetivas no esporte. A transformação do futebol em um espaço verdadeiramente democrático e inclusivo representa não apenas uma questão de justiça social, mas também uma oportunidade de fortalecer os valores fundamentais que deveriam nortear a prática esportiva.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda et al. A discriminação racial e a legislação do futebol brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 35, n. Especial, p. 99–106, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187915>. Acesso em: 22 jul. 2025.
- ALMEIDA, S. L. **O que é Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2018. p. 205.
- ARAÚJO, Dandara Silva; SOARES, Maria Zilda Silva. Dores, Medos e Abandonos: As Implicações do Racismo na Saúde Mental de Pessoas Pretas. **Revista FSA**, [s. l.], v. 20, n. 5, p. 236–257, 2023. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2755/491493920>. Acesso em: 27 jul. 2025.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1°ed. São Paulo: [s. n.], 2016.
- BEGEL, Dan. Tackling racism in sports psychiatry. **Sports Psychiatry**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 109–118, 2023. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/10.1024/2674-0052/a000041>. Acesso em: 2 jul. 2025.
- BRAGA, Iracilda Alves; GOMES, Lara Danuta da Silva Amaral. A (Des)Proteção Social da População Negra no Brasil. **Revista FSA**, [s. l.], v. 21, n. 1, p. 187–202, 2024. Disponível em: <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/2869/491494199>. Acesso em: 30 jul. 2025.
- BRASIL, Alex Cruz et al. A sociogênese do racismo e as relações étnico-raciais na escola: uma visão crítica. **Aracê**, [s. l.], v. 6, n. 2, p. 3640–3659, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/1011>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- CASTELLANA, Gustavo Bonini et al. Do we need more scientific evidence for banning racist insults from soccer stadiums?. **Sports Psychiatry**, [s. l.], v. 2, n. 3, p. 81–82, 2023. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/10.1024/2674-0052/a000052>. Acesso em: 12 jul. 2025.
- CNN BRASIL. **Pesquisa mostra que 41% dos jogadores negros já sofreram racismo**. [s. l.], 2023. Disponível em: [https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/pesquisa-mostra-que-41-dos-jogadores-negros-ja-sofreram-racismo/?utm\\_source=chatgpt.com](https://www.cnnbrasil.com.br/esportes/outros-esportes/pesquisa-mostra-que-41-dos-jogadores-negros-ja-sofreram-racismo/?utm_source=chatgpt.com). Acesso em: 10 set. 2025.
- CORRÊA, Antônio Eugênio Furtado; FOSTER, Eugênia da Luz Silva; CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão. Relações que promovem e reproduzem a desigualdade e o racismo no Brasil. **Revista de Políticas Públicas**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 738, 2022. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rppublica/article/view/18475>. Acesso em: 16 ago. 2024.

CRISTO, Gisele Vitória da Silva. Racismo no futebol brasileiro: uma análise da legislação acerca das questões raciais no futebol brasileiro. **Revista Ft**, [s. l.], v. 29, n. 140, p. 55–56, 2024. Disponível em: <https://revistaft.com.br/racismo-no-futebol-brasileiro-uma-analise-da-legislacao-acerca-das-questoes-raciais-no-futebol-brasileiro/>.

GARCEZ, Gabriela Soldano; LODI, Monyque Silva Lourenço. A tese de branqueamento racial e o racismo estrutural no brasil. **Leopoldianum**, [s. l.], v. 50, n. 140, 2024. Disponível em: <https://periodicos.unisantos.br/leopoldianum/article/view/1449>. Acesso em: 2 ago. 2025.

KASSIMERIS, Christos; LAWRENCE, Stefan; PIPINI, Magdalini. **Racism in football. Soccer & Society**, [s. l.], v. 23, n. 8, p. 824–833, 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14660970.2022.2109799>. 2 ago. 2025.

MAIA, D. **Entenda a importância da FIFA para o futebol mundial**. Politize, 2022. Disponível em:  
[https://www.politize.com.br/fifa/#:~:text=Quais%20confedera%C3%A7%C3%B5es%20fazem%20parte%20da,OFC%20\(Oceania\)%20%E2%80%93%20sele%C3%A7%C3%B5es](https://www.politize.com.br/fifa/#:~:text=Quais%20confedera%C3%A7%C3%B5es%20fazem%20parte%20da,OFC%20(Oceania)%20%E2%80%93%20sele%C3%A7%C3%B5es) Acesso em: 2 ago. 2025.

MERILUOTO, Taina. Beyond recognition: Identification and disidentification in visual resistance to stigma. **The Sociological Review**, [s. l.], v. 72, n. 5, p. 1076–1096, 2024.

MOREIRA, A. **Racismo recreativo**. São Paulo: Pôlen Produção Editorial LTDA, 2019.

NASCIMENTO, France Willian Ávila Do; SANTOS, Andréa Araújo dos. Entre chuteiras e racismo no futebol brasileiro: uma luta antirracista para além do campo de futebol. **Revista Em Favor de Igualdade Racial**, [s. l.], v. 6, n. 1, p. 7–17, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/RFIR/article/view/6170>.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. (2016). **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2015**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2016.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. (2023). **Relatório anual da discriminação racial no futebol 2022**. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2023.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. **Menos de 8% dos treinadores são negros na elite do futebol brasileiro**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/menos-de-8-dos-treinadores-sao-negros-na-elite-do-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 10 set. 2025.

OLIVEIRA, Mirian Ribeiro de. Ethos racista de cor no futebol brasileiro: uma construção histórico-ideológica. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, [s. l.], p. 203–224, 2020.

**Os 10 esportes mais populares do mundo: Números de torcedores e análise de participação**. Joga Junto News, 2024. Disponível em: <https://www.penalty.com.br/blog/post/os-esportes-mais-populares-do-mundo>. Acesso em: 03, Agosto 2024.

**Quantos times de futebol existem no Brasil?** Portal Hortolândia, 2024. Disponível em: <https://portalhortolandia.com.br/noticias/esporte/quantos-times-de-futeboleexistem-no-brasil-158739/> Acesso em: 02, Agosto 2024.

**RADEMAKER, C. Juventude perde mando de campo por caso de racismo.** Uol, 2005. Disponível em:  
<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2005/11/04/ult59u97527.jhtm?platform=hootsuite> Acesso em: 03, Agosto 2024.

RIBEIRO, Karla Pinhel; KNOERR, Fernando Gustavo; BARBOSA, Lucas Ediney. Discriminação Racial no Futebol Brasileiro: Aplicação da Responsabilidade as Clubes. **Economic Analysis of Law Review**, [s. l.], v. 14, n. 3, p. 105–116, 2024.

SANTOS, Igor dos; GIGLIO, Sergio. **Racismo no futebol: uma análise a partir do "caso Aranha"**. 2019. Resumos do... [S. l.]: Universidade Estadual de Campinas, 2019. p. 1–1. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/eventos/index.php/pibic/article/view/2234>. Acesso em: 10 set. 2025.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA



### QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

**1. Idade:** \_\_\_\_\_ anos

**2. Qual a sua etnia?**

- ( ) Branco
- ( ) Preto
- ( ) Pardo
- ( ) Indígena
- ( ) Amarelo

**3. Qual o seu estado civil?**

- ( ) Solteiro
- ( ) Casado/ União Estável
- ( ) Separado/ Divorciado ( ) Viúvo ( ) Outro

**4. Qual o seu nível de escolaridade?**

- ( ) Ensino fundamental incompleto
- ( ) Ensino fundamental completo
- ( ) Ensino médio incompleto
- ( ) Ensino médio completo
- ( ) Ensino superior incompleto
- ( ) Ensino superior completo

( ) Pós- graduação incompleta

( ) Pós- graduação completa

**5. Em que cidade você nasceu? \_\_\_\_\_**

**6. Você reside em Sousa/PB atualmente?**

( ) Sim

( ) Não

**7. Onde você reside**

( ) Casa de familiares em minha cidade natal

( ) Casa de familiares em Sousa/PB

( ) Apartamento ou casa alugada em Sousa/PB

( ) Outro

**8. Você recebe algum auxílio financeiro governamental?**

( ) Sim

( ) Não

**9. Em comparação com as pessoas da cidade em que vive, você se considera de qual classe social?**

( ) Classe baixa

( ) Classe média-baixa

( ) Classe média

( ) Classe média – alta

( ) Classe alta

**10. Qual a sua renda familiar mensal?**

( ) Até 1 salário mínimo

( ) De 2 a 3 salários mínimos

( ) De 4 a 6 salários mínimos

( ) Mais de 6 salários mínimos

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Você já sofreu alguma violência racista no futebol?
2. De que tipo de violência se tratou? (Ironia? Ofensas? Exposição a uma situação constrangedora? Ameaças? Violência verbal? Violência física?)
3. Você sofreu isso enquanto jogador do Sousa Esporte Clube?
4. Durante sua passagem no clube sousense, houve alguma experiência vivenciada?
5. Você já denunciou alguma violência racista sofrida ao clube em que esteja vinculado ou a órgãos competentes?
6. Alguma experiência vivenciada de cunho racista influenciou sua carreira? E sua vida pessoal?
7. Você conhece a Lei nº 12957/2023 – Vini Junior?
8. Cite 5 palavras que possam caracterizar as experiências racistas vivenciadas?

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Este é um convite para você participar da pesquisa: ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO SOUSA ESPORTE CLUBE, que tem como pesquisador responsável a Prof. Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa, que segue as recomendações da resolução 510/16 do Conselho nacional de saúde e suas complementares.

A coleta de dados seguirá os seguintes procedimentos metodológicos e éticos: inicialmente, o participante terá acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual deverá ser lido e assinado antes de qualquer etapa da pesquisa. Somente após a assinatura desse documento será aplicado um questionário sociodemográfico. Caso as respostas se enquadrem no recorte da pesquisa, o participante será convidado a participar de uma entrevista semiestruturada. Ressalta-se que os dados coletados dos participantes que não corresponderem aos critérios estabelecidos, serão descartados de forma segura, garantindo sua privacidade e confidencialidade, além de não serem utilizados e os questionários sociodemográficos serão triturados.

A sua participação é de extrema importância, logo, caso você decida participar, será submetido a um questionário sociodemográfico com 10 (dez) perguntas sobre informações básicas acerca de suas características sociais e demográficas para ajudar a descrever o perfil dos participantes deste estudo. Caso você corresponda aos critérios estabelecidos pela pesquisa, será convidado a participar da segunda etapa, que consiste em uma entrevista semiestruturada com 8 (oito) perguntas sobre experiências de racismo, discriminação e preconceito racial, sofridas ou presenciadas por você e/ou seus companheiros.

A aplicação do questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada ocorrerá de forma presencial, individual e em horário previamente acordado, nas dependências do Estádio Antônio Mariz, localizado na Rua Floriano Peixoto - Areia, Sousa - PB, 58801-510. Será utilizada a sala de imprensa do Estádio Antônio Mariz, na qual é um ambiente silencioso e confortável, possui cadeiras adequadas e temperatura agradável. Essa abordagem permitirá que você se sinta mais confortável para responder com sinceridade, reduzindo possíveis influências externas e promovendo um ambiente de respeito às normas de ética em pesquisa. Além disso, as providências para o seu deslocamento serão de total responsabilidade e custeadas pelos pesquisadores.

No primeiro momento, serão utilizados questionários impressos, e no segundo momento, um gravador de voz Sony (ICD-PX240). A duração dessa etapa poderá variar de 15 a 45 minutos, considerando a possibilidade de você contribuir apenas no primeiro momento, no segundo, ou em ambos os estágios da pesquisa.

A responsabilidade de aplicação é dos pesquisadores responsáveis, a professora Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa (SIAPE 3340595) e Cleacione Martins de Sousa, estudante do curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa.

Essa pesquisa tem como objetivo geral “analisar as experiências dos jogadores do Sousa Esporte Clube acerca do racismo.” E como objetivos específicos: Identificar os diferentes tipos de violência racial experenciada pelos jogadores; investigar como as experiências dos jogadores influenciaram na sua carreira e vida pessoal; e comparar as experiências vividas em clubes anteriores e no Sousa Esporte Clube.

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de contribuir para o conhecimento de um elemento sociocultural como o racismo, contribuir para estudos na área, demonstrando seu caráter inovador em correlacionar futebol, racismo e um clube do alto sertão da paraíba, além de abrir um leque de possibilidades de novas pesquisas, aprofundamento e diversificação da população investigada, impactando em demandas sociais relevantes para combater preconceitos e estigmas.

Os riscos que o participante da pesquisa estará exposto são psicossociais, tais como, desconfortos ao responder as perguntas e constrangimentos. Com o intuito de minimizar ou riscos ou resolver os problemas decorrentes destes, a equipe de pesquisa está à disposição para sanar qualquer inconveniente que possa surgir; o participante receberá esclarecimentos detalhados sobre a natureza da pesquisa antes da entrevista; garantia ao participante o direito de acesso ao teor do conteúdo do instrumento (tópicos que serão abordados) antes de responder as perguntas, para uma tomada de decisão informada; o tempo de duração será previamente informado e observado; será respeitado pausas caso seja solicitada pelo participante; haverá disponibilização dos contatos dos pesquisadores para esclarecimentos posteriores e o acesso aos resultados da pesquisa, se desejado.

Caso você venha a necessitar de assistência em decorrência de sua participação nesta pesquisa, será oferecido suporte imediato, integral e gratuito. A assistência incluirá o encaminhamento para os serviços de saúde ou apoio psicológico adequados, conforme a natureza da necessidade identificada.

A responsabilidade por coordenar e assegurar o acesso a essa assistência será do(a) pesquisador(a) responsável Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa, que estará disponível para monitorar e responder prontamente a qualquer situação adversa. O(a) pesquisador(a) também ficará encarregado(a) de providenciar os recursos necessários, assumindo integralmente as obrigações decorrentes da pesquisa para preservar o bem-estar e sua segurança.

Os dados desta pesquisa serão armazenados em um pen drive com senha e armazenados em caixa arquivo que será mantido em um armário no escritório pessoal, com total segurança durante o período de 5 anos na residência do pesquisador responsável, Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa sob a sua responsabilidade, no endereço Rua Aldemir Paulo da Silva, s/n, Raquel Gadelha, 58804-678 – Sousa, Paraíba, a fim de garantir a confidencialidade, a privacidade e a segurança das informações coletadas, e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os participantes.

Sua participação não envolverá qualquer tipo de gratificação financeira. Garantimos o acesso aos resultados da pesquisa, bem como o total sigilo, anonimato e privacidade de todos os participantes. Os dados obtidos serão utilizados exclusivamente para finalidades científicas, conforme previsto no termo de consentimento, sem divulgação de qualquer informação que possa identificá-lo. Os resultados desta pesquisa poderão ser divulgados em eventos científicos, publicados em revistas nacionais ou internacionais, e-books, anais, capítulos e livros, assegurando sempre que todos os participantes tenham acesso a estas publicações.

Você receberá a devolutiva dos resultados da pesquisa por meio de relatórios individuais elaborados em linguagem clara, objetiva e totalmente acessível, garantindo a plena compreensão das informações apresentadas. Todos os dados serão apresentados de forma que assegure rigorosamente o sigilo e a confidencialidade. Os relatórios serão disponibilizados em formato que, caso necessário, atenda às necessidades específicas, respeitando os princípios éticos.

Você ficará com uma via original deste TCLE e toda a dúvida que você tiver a respeito desta pesquisa, poderá perguntar diretamente para a pesquisador Prof. Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa sob a sua responsabilidade, no endereço Rua Aldemir Paulo da Silva, s/n, Raquel Gadelha, 58804-678 – Sousa, Paraíba, (83) 99850-3258.

Se para o participante houver gasto de qualquer natureza, em virtude da sua participação nesse estudo, é garantido o direito a indenização, cobertura material para reparar danos – e/ou resarcimento, compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, quando necessário, tais como transporte e alimentação – sob a responsabilidade do (a) pesquisador (a) Prof. Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa.

Esta pesquisa foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB (CEP-IFPB), o qual tem o objetivo de garantir a proteção dos participantes de pesquisas submetidas a este Comitê. Portanto, se o senhor (a) desejar maiores esclarecimentos sobre seus direitos como participante da pesquisa, ou ainda formular alguma reclamação ou denúncia sobre procedimentos inadequados dos pesquisadores, pode entrar em contato com o CEP-IFPB.

Comitê de Ética em Pesquisa do IFPB Av. João da Mata, 256 – Jaguaribe – João Pessoa –PB. Telefone: (83) 3612-9725 - e-mail: eticaempesquisa@ifpb.edu.br Horário de atendimento: Segunda à sexta, das 12h às 18h.

### **Consentimento Livre**

Concordo em participar desta pesquisa “ANÁLISE DE EXPERIENCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO SOUSA ESPORTE CLUBE”. Declarando, para os devidos fins, que fui devidamente esclarecido quanto aos objetivos da pesquisa, aos procedimentos aos quais serei submetido (a) e dos possíveis riscos que possam advir de tal participação. Foram garantidos a mim esclarecimentos que venham a solicitar durante a pesquisa e o direito de desistir da participação em qualquer momento, sem que minha desistência implique em qualquer prejuízo a minha pessoa ou a minha família. Autorizo assim, a publicação dos dados da pesquisa, a qual me garante o anonimato e o sigilo dos dados referentes à minha identificação.

Além disso, eu \_\_\_\_\_ depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade da gravação de áudio produzido por mim, especificados acima, AUTORIZO, através do presente termo, a pesquisadora responsável pela pesquisa Prof. Ma. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa, e o estudante Cleicione Martins do projeto de pesquisa intitulado “ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO SOUSA ESPORTE CLUBE” a realizar captação de áudios que se façam necessários sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização da transcrição dos áudios (suas respectivas cópias) para fins científicos e de estudos (livros, artigos, dissertações ou teses, além de slides), em favor dos pesquisadores da pesquisa, acima

especificados, que segue as recomendações das resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde e suas complementares.

- Sim, autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.
- Não, não autorizo a gravação e/ou divulgação da minha imagem e/ou voz.
- Autorizo a gravação, mas não a divulgação de minha imagem e/ou voz.

Sousa, \_\_\_\_\_ de 2025

\_\_\_\_\_  
Coordenadora da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Participante da Pesquisa

\_\_\_\_\_  
Responsável pela entrevista

## ANEXOS

### ANEXO A – CARTA DE ANUÊNCIA

#### CARTA DE ANUÊNCIA

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador Cleicione Martins de Sousa, a desenvolver o seu projeto de pesquisa “Análise de experiências racistas com atletas do Sousa Esporte Clube”, que está sob a coordenação/orientação da Profª. Rebecca Ruhama Gomes Barbosa, cujo objetivo é analisar experiencias racistas dos atletas do Sousa Esporte, localizada na cidade de Sousa, na Paraíba.

O consentimento fornecido é válido desde que o pesquisador atenda aos padrões estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde e demais regulamentações, comprometendo-se a utilizar as informações pessoais dos participantes do estudo exclusivamente para propósitos científicos, assegurando a confidencialidade e garantindo que as informações não serão utilizadas de forma prejudicial às pessoas ou comunidades envolvidas.

Antes de iniciar a coleta de informações, o pesquisador deve submeter à Instituição o Parecer devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos, credenciado no Sistema CEP/CONEP.

Sousa, em 12/11/2024.

Documento assinado digitalmente  
 FRANCISCO ALDEONE ABRANTES  
Data: 12/11/2024 13:06:11-0300  
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

---

Presidente do Sousa Esporte Clube

Nome/assinatura e **carimbo** do responsável onde a pesquisa será realizada

## ANEXO B – PARECER COM APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DA PARAÍBA -  
IFPB



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** ANÁLISE DE EXPERIÊNCIAS RACISTAS COM ATLETAS PROFISSIONAIS DO SOUSA ESPORTE CLUBE

**Pesquisador:** REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA

**Área Temática:**

**Versão:** 5

**CAAE:** 84986924.3.0000.5185

**Instituição Proponente:** INSTITUTO FEDERAL DE EDUCACAO, CIENCIA E TECNOLOGIA DA PARAIBA

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 7.628.281

INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA DA PARAÍBA -  
IFPB



Continuação do Parecer: 7.628.281

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_3.pdf	06/03/2025 14:49:37	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Outros	CARTA_RESPONSA_AO_CEP_3.pdf	06/03/2025 14:45:47	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_3.pdf	06/03/2025 14:45:23	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_CONSENTIMENTO_LIVRE_E_ESCLARECIDO_3.pdf	06/03/2025 14:42:55	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Cleicione_assinado_assinado.pdf	13/01/2025 19:15:01	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Outros	QUESTIONARIO_SOCIODEMOGRAFICO_2.pdf	10/01/2025 18:09:31	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO_2.pdf	10/01/2025 18:01:55	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_INICIO_assinado.pdf	14/11/2024 12:29:41	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito
Declaração de concordância	CARTA_DE_ANUENCIA_assinado.pdf	14/11/2024 12:19:37	REBECCA RUHAMA GOMES BARBOSA	Aceito

#### Situação do Parecer:

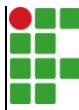
Aprovado

#### Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 09 de Junho de 2025

Assinado por:  
LEANDRO JOSE MEDEIROS AMORIM SANTOS  
(Coordenador(a))

	<b>INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÉNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA</b>
	Campus Sousa - Código INEP: 25018027
	Av. Pres. Tancredo Neves, S/N, Jardim SorriLândia III, CEP 58805-345, Sousa (PB)
	CNPJ: 10.783.898/0004-18 - Telefone: None

## Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC

<b>Assunto:</b>	TCC
<b>Assinado por:</b>	Cleicione Martins
<b>Tipo do Documento:</b>	Anexo
<b>Situação:</b>	Finalizado
<b>Nível de Acesso:</b>	Ostensivo (Público)
<b>Tipo do Conferência:</b>	Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- Cleicione Martins de Sousa, DISCENTE (202118750028) DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA - SOUSA, em 25/11/2025 10:06:53.

Este documento foi armazenado no SUAP em 25/11/2025. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 1678977

Código de Autenticação: be175d3971

